

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

LEONARDO CAMPOS SOARES

**REPRESENTAÇÕES DE JESUS CRISTO NO CINEMA:
CULTURA, SAGRADO E CRISTOLOGIAS CINEMATOGRAFICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia

Duque de Caxias - RJ
2026

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

**REPRESENTAÇÕES DE JESUS CRISTO NO CINEMA:
CULTURA, SAGRADO E CRISTOLOGIAS CINEMATOGRAFICAS**

LEONARDO CAMPOS SOARES

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Professor(a) orientador(a): Marcio Simão De Vasconcellos

Duque De Caxias – RJ
2026

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

LEONARDO CAMPOS SOARES

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado _____ com nota _____.

Professor (a) Orientador (a): Marcio Simão De Vasconcellos

UNIGRANRIO

Jansen Racco Botelho de Melo
UNIGRANRIO

Antônio Lúcio Avellar Santos
UNIGRANRIO

Duque de Caxias – RJ
2026

RESUMO

A presente pesquisa analisa as representações de Jesus Cristo no cinema ocidental, considerando as influências socioculturais e antropológicas presentes na construção cinematográfica da figura de Cristo. Parte-se da compreensão de que o cinema religioso não atua apenas como adaptação dos relatos bíblicos, mas como espaço de produção simbólica do sagrado, no qual diferentes contextos históricos e culturais influenciam a elaboração das chamadas cristologias cinematográficas. A pesquisa possui abordagem qualitativa, natureza descritiva e analítica, utilizando a análise fílmica como procedimento metodológico principal. O corpus é composto pelos filmes *The Greatest Story Ever Told* (1965), *Il Vangelo Secondo Matteo* (1964), *Jesus Christ Superstar* (1973), *Godspell* (1973), *The Last Temptation of Christ* (1988) e *The Passion of the Christ* (2004). O referencial teórico fundamenta-se nas contribuições de Clifford Geertz, Paul Tillich, Mircea Eliade, Rudolf Otto, Luiz Vadico, Dario Edoardo Viganò e Douglas Esteves Moutinho. Os resultados evidenciam que cada representação cinematográfica de Jesus reflete sensibilidades culturais específicas, produzindo diferentes interpretações da figura de Cristo conforme as transformações históricas, sociais e antropológicas da modernidade. Conclui-se que o cinema religioso participa ativamente da construção contemporânea do imaginário cristológico, reinterpretando o sagrado através das linguagens audiovisuais e das demandas simbólicas de cada época.

Palavras-chave: Jesus Cristo. Cinema religioso. Cristologia cinematográfica.

Abstract

This research analyzes the representations of Jesus Christ in Western cinema, considering the sociocultural and anthropological influences present in the cinematic construction of the figure of Christ. The study is based on the understanding that religious cinema does not function merely as an adaptation of biblical narratives, but also as a symbolic space for the production of the sacred, in which different historical and cultural contexts influence the development of so-called cinematic christologies. The research adopts a qualitative approach, with descriptive and analytical nature, using film analysis as its main methodological procedure. The corpus consists of the films *The Greatest Story Ever Told* (1965), *Il Vangelo Secondo Matteo* (1964), *Jesus Christ Superstar* (1973), *Godspell* (1973), *The Last Temptation of Christ* (1988), and *The Passion of the Christ* (2004). The theoretical framework is grounded in the contributions of Clifford Geertz, Paul Tillich, Mircea Eliade, Rudolf Otto, Luiz Vadico, Dario Edoardo Viganò, and Douglas Esteves Moutinho. The results demonstrate that each cinematic representation of Jesus reflects specific cultural sensibilities, producing different interpretations of the figure of Christ according to the historical, social, and anthropological transformations of modernity. It is concluded that religious cinema actively participates in the contemporary construction of the christological imagination, reinterpreting the sacred through audiovisual language and the symbolic demands of each historical period.

Keywords: Jesus Christ. Religious cinema. Cinematic christology.

INTRODUÇÃO

A figura de Jesus Cristo constitui uma das representações mais recorrentes e simbólicas da cultura ocidental, ultrapassando os limites estritamente religiosos e alcançando diferentes formas de manifestação artística, filosófica e cultural. Entre essas manifestações, o cinema ocupa posição de destaque, especialmente por sua capacidade de transformar narrativas religiosas em experiências audiovisuais capazes de produzir sentidos, emoções e interpretações sobre o sagrado. Desde o surgimento do cinema moderno, inúmeras produções buscaram representar a vida, a mensagem e a identidade de Cristo, construindo imagens que dialogam diretamente com os contextos históricos, culturais e antropológicos de cada época.

Entretanto, as representações cinematográficas de Jesus não se configuram como reproduções neutras ou absolutamente fiéis aos textos bíblicos. Ao contrário, cada filme produz uma leitura específica da figura de Cristo, influenciada por fatores estéticos, ideológicos, sociais e religiosos. Nesse sentido, o cinema não apenas adapta os Evangelhos, mas participa ativamente da construção cultural do imaginário cristológico contemporâneo, reinterpretando o sagrado a partir das sensibilidades simbólicas de diferentes períodos históricos.

Dessa forma, esta pesquisa partiu do seguinte problema: de que maneira os contextos socioculturais e as transformações antropológicas influenciaram a construção da figura de Jesus Cristo no cinema ocidental? A hipótese que orientou este estudo sustenta que o cinema religioso constrói diferentes cristologias cinematográficas, nas quais a imagem de Cristo é continuamente reinterpretada conforme as demandas culturais, estéticas e existenciais de cada época.

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar como a figura de Jesus Cristo é representada no cinema, considerando as influências socioculturais, históricas e antropológicas presentes nas obras cinematográficas selecionadas. Como objetivos específicos, buscou-se identificar os elementos simbólicos e estéticos utilizados na construção dessas representações, compreender as relações entre religião, cultura e linguagem cinematográfica, bem como analisar as diferentes formas pelas quais o sagrado é reinterpretado pelo audiovisual contemporâneo.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa caracterizou-se como qualitativa, de natureza descritiva e analítica, utilizando a análise fílmica como procedimento principal.

O corpus é composto pelos filmes *The Greatest Story Ever Told* (1965), *Il Vangelo Secondo Matteo* (1964), *Jesus Christ Superstar* (1973), *Godspell* (1973), *The Last Temptation of Christ* (1988) e *The Passion of the Christ* (2004). A análise fundamenta-se em referenciais teóricos ligados à antropologia da religião, fenomenologia do sagrado e estudos de cinema, especialmente nas contribuições de Clifford Geertz, Paul Tillich, Mircea Eliade, Rudolf Otto, Luiz Vadico, Dario Edoardo Viganò e Douglas Esteves Moutinho.

Por fim, a relevância desta pesquisa encontra-se na possibilidade de compreender o cinema religioso como espaço de produção simbólica do sagrado, evidenciando como as representações cinematográficas de Jesus Cristo revelam não apenas interpretações teológicas, mas também as transformações culturais, sociais e existenciais da sociedade ocidental contemporânea.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA RELIGIÃO E CULTURA

A relação entre religião e cultura constitui um campo fundamental para a compreensão das formas pelas quais as sociedades constroem, expressam e ressignificam suas crenças ao longo da história. Nesse sentido, a religião não deve ser concebida como uma realidade isolada ou dissociada da vida social, mas como uma dimensão intrínseca às expressões culturais humanas, sendo constantemente interpretada à luz dos contextos históricos, sociais e antropológicos nos quais se insere. Conforme a perspectiva da teologia da inculturação, a fé cristã não se desenvolve fora da cultura, mas sempre a partir dela, sendo vivida, compreendida e comunicada dentro dos códigos simbólicos próprios de cada realidade cultural.¹

Nessa mesma direção, Paul Tillich sustenta que a “religião constitui a substância da cultura, enquanto a cultura representa a forma da religião”,² evidenciando uma relação de interdependência estrutural entre ambas. Tal compreensão rompe com a dicotomia entre o sagrado e o secular, demonstrando que toda produção cultural carrega, de algum modo, uma dimensão religiosa ou de sentido último.

¹ ANJOS, Márcio Fabri dos (Coord.). **Teologia da inculturação e inculturação da teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes; SOTER, 1995. p. 16,17.

² TILICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 83.

De forma complementar, Clifford Geertz define a religião como um sistema de símbolos que atua na construção de significados, estabelecendo disposições e motivações duradouras nos indivíduos e grupos sociais, ao mesmo tempo em que legitima visões de mundo culturalmente compartilhadas.³ Assim, as práticas religiosas e suas representações simbólicas não são estáticas, mas dinâmicas, sendo continuamente reconfiguradas de acordo com as transformações sociais e culturais.

No âmbito da teologia da inculturação, essa dinâmica é aprofundada ao se reconhecer que a evangelização não deve ocorrer pela imposição de uma cultura externa, mas a partir do interior da cultura evangelizada, que assimila e reinterpreta a mensagem evangélica segundo seus próprios referenciais simbólicos e existenciais.⁴ Desse modo, a fé cristã não apenas se expressa culturalmente, mas também interage de maneira dialética com as culturas, promovendo tanto continuidade quanto transformação.

Nesse contexto, a figura de Jesus Cristo, central ao cristianismo, foi historicamente reinterpretada em múltiplos cenários culturais, assumindo significados diversos conforme os horizontes simbólicos de cada época e sociedade. Tal pluralidade de representações evidencia que a cristologia ultrapassa os limites estritamente dogmáticos ou sistemáticos, inserindo-se também no campo das construções simbólicas e culturais. Como aponta a teologia da inculturação, a encarnação de Deus em Jesus Cristo constitui um acontecimento histórico e culturalmente situado, evidenciando que a revelação cristã se manifesta em contextos humanos concretos. Essa compreensão permite reconhecer que a mensagem evangélica pode ser continuamente reinterpretada em diferentes culturas, sem perder sua identidade fundamental.⁵

Dessa forma, compreender a relação entre religião e cultura implica reconhecer que a experiência religiosa não apenas molda a cultura, mas também é moldada por ela, em um processo contínuo de interpretação, ressignificação e produção de sentido.

³ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 67.

⁴ ANJOS, Márcio Fabri dos (Coord.). **Teologia da inculturação e inculturação da teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes; SOTER, 1995. p. 22,23.

⁵ ANJOS, Márcio Fabri dos (Coord.). **Teologia da inculturação e inculturação da teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes; SOTER, 1995. p. 20.

O CINEMA COMO LINGUAGEM SIMBÓLICA E CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

O cinema, como forma de expressão artística e cultural, é uma ferramenta para produzir significados e construir a realidade de maneira simbólica. Diferente de uma simples reprodução do mundo, a linguagem cinematográfica organiza imagens, sons e narrativas para produzir interpretações específicas sobre fenômenos representados, influenciando diretamente a percepção do espectador. Desse modo, o cinema pode ser compreendido como um sistema simbólico produtor de significados culturais. Nessa perspectiva, Geertz entende a cultura como uma rede de significados socialmente construída pelos próprios indivíduos, por meio da qual a realidade é interpretada e comunicada.⁶

A partir disso, observa-se que a linguagem cinematográfica não é neutra, mas é estruturada por códigos e convenções que guiam a produção do sentido. Para Metz, o cinema constitui uma linguagem capaz de produzir significados por meio da articulação de seus diversos elementos expressivos e narrativos, organizados em um sistema próprio de significação.⁷ Assim, o cinema atua como um mediador cultural interpretando e redefinindo a realidade a partir das escolhas estéticas e ideológicas.

No que se refere à representação religiosa, essa dimensão torna-se ainda mais importante. As produções cinematográficas que abordam a figura de Jesus Cristo não se limitam a reproduzir relatos bíblicos, mas constroem versões específicas de sua identidade, influenciadas pelos contextos históricos e culturais. Conforme Laércio Torres de Góes afirma:

O Cristo apresentado pelo cinema e pela sociedade ocidental não é, geralmente, o Cristo Teológico dos Evangelhos, mas um Cristo que serve como símbolo de uma ideia, de um pensamento vigente, de uma postura de vida, refletindo o momento histórico vivido.⁸

Desse modo, o cinema não apenas apresenta conteúdos religiosos, mas participa ativamente da construção do imaginário sobre o sagrado. Segundo Vadico, os filmes de Cristo constituem um gênero cinematográfico próprio, marcado por constantes processos de adaptação e ressignificação da figura de Jesus. As representações cinematográficas do personagem são influenciadas por tradições artísticas, escolhas estéticas, interpretações

⁶ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 4-5

⁷ METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 82-85.

⁸ GÓES, Laércio Torres de. **O mito cristão no cinema: o verbo se fez luz e se projetou entre nós**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 16.

teológicas e demandas socioculturais de cada época, produzindo diferentes perfis cristológicos ao longo da história do cinema. Dessa forma, a imagem de Cristo nas telas não permanece estática, mas dialoga continuamente com os contextos históricos e culturais em que é produzida.⁹

Essa perspectiva aproxima-se da compreensão de Paul Tillich, para quem a religião não está separada da cultura, mas manifesta-se por meio dela. Segundo o autor, “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião”.¹⁰ Assim, o cinema pode ser compreendido como uma das principais formas contemporâneas de manifestação religiosa ainda que de maneira indireta ou simbólica.

Portanto, ao combinar linguagem audiovisual, cultura e religião, o cinema se configura como um espaço privilegiado para análise das representações de Jesus Cristo, permitindo entender como essas imagens são construídas, transformadas e reinterpretadas ao longo do tempo, de acordo com as mudanças socioculturais.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE CRISTO NO CINEMA

Tendo em vista o papel do cinema como produtor de linguagem simbólica e mediador cultural (conforme discutido no item 2.2), é fundamental analisar como a figura de Jesus Cristo tem sido apresentada e reinterpretada ao longo dos anos. A imagem de Cristo apresentada no cinema se estabelece não como uma cópia dos relatos bíblicos descritos nos evangelhos, mas sim como uma criação da expressão simbólica que dialoga com o contexto histórico, social e cultural de cada época.

Laércio Torres de Góes destaca que a representação cinematográfica de Jesus Cristo está diretamente relacionada ao contexto histórico, político, social e cultural em que cada obra é produzida. Nessa perspectiva, o Cristo retratado pelo cinema não corresponde necessariamente ao Cristo teológico apresentado pelos evangelhos, mas a uma construção simbólica que reflete valores, ideologias e demandas próprias de cada época.¹¹

Isso significa que em diferentes períodos históricos, surgiram imagens diferentes de Jesus Cristo nos filmes. Em alguns vemos um Cristo mais divino e perfeito, alinhado com a tradição religiosa. Em outros, percebemos um Cristo mais humano, que questiona e se

⁹ VADICO, Luiz. **O campo do filme religioso: cinema, religião e sociedade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 129; 132-136.

¹⁰ TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 83.

¹¹ GÓES, Laércio Torres de. **O mito cristão no cinema: o verbo se fez luz e se projetou entre nós**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 16-18.

aproxima das experiências da sociedade atual. Essa variedade mostra que a figura de Jesus no cinema não é fixa, mas sim dinâmica e sujeita a constantes mudanças.

De acordo com Luiz Vadico, cada filme sobre Cristo cria uma visão específica sobre sua identidade e missão. Então, o cinema não apresenta só Jesus Cristo, mas também participa ativamente da criação de discurso sobre o sagrado, influenciando a forma como as pessoas entendem a figura.¹²

Esta forma de criar significados simbólicos pode ser compreendida a partir da perspectiva de Paul Tillich, para quem a religião se manifesta por meio das formas culturais. Nessa perspectiva, as representações de Jesus Cristo no cinema podem ser entendidas como expressões culturais da experiência religiosa, revelando valores, inquietações e tensões presentes nos diferentes contextos históricos.¹³

Além disso, a perspectiva de Clifford Geertz¹⁴ nos ajuda a entender que a religião como um sistema simbólico, permite compreender que as representações de Cristo no cinema não apenas refletem a cultura, mas também contribuem para a criação de significados compartilhados, influenciando a forma como a sociedade interpreta o sagrado.

Dessa forma, a imagem de Jesus Cristo no cinema é uma criação simbólica dinâmica resultante da interação da tradição religiosa, a linguagem cinematográfica e o contexto sociocultural. Analisar essas representações nos permite entender não apenas como a visão de Cristo mudou ao longo do tempo, mas também como as formas de expressar a religiosidade mudaram na sociedade contemporânea.

O SAGRADO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO CINEMA

No que se refere ao referencial teórico-analítico, a pesquisa dialoga com a fenomenologia da religião, especialmente com os conceitos de hierofania e numinoso. Para Eliade¹⁵, a hierofania corresponde à manifestação do sagrado no mundo profano, constituindo uma ruptura na ordem comum da realidade. Já Otto¹⁶ compreende o sagrado como uma experiência marcada pelo “mistério fascinante e tremendo” (*mysterium*

¹² VADICO, Luiz. **O campo do filme religioso: cinema, religião e sociedade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 125.

¹³ TILICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 83.

¹⁴ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 67-69.

¹⁵ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 17.

¹⁶ OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo: Sinodal; EST; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 44-45.

tremendum et fascinans), caracterizada simultaneamente por temor e atração. Tais conceitos são fundamentais para compreender de que modo o cinema busca representar experiências que, em sua origem, são consideradas inefáveis e transcendentais.

Além disso, a análise considera as contribuições de Carroll, especialmente sua compreensão de que o horror constitui uma emoção estética específica, produzida por construções narrativas que orientam a reação do espectador diante do monstruoso.¹⁷

REPRESENTAÇÕES DE JESUS CRISTO NO CINEMA: ANÁLISES E DISCUSSÕES

A análise das obras cinematográficas selecionadas permite compreender que a figura de Jesus Cristo, no âmbito do cinema, não se apresenta como uma representação fixa ou uniforme, mas como uma construção simbólica que varia conforme os contextos históricos, culturais e estéticos de cada produção. Nesse sentido, conforme observa Vadico, o cinema religioso constitui um espaço de produção simbólica no qual a figura de Jesus Cristo é constantemente reinterpretada a partir das demandas culturais, sociais e históricas de cada época. Dessa forma, as representações cinematográficas de Cristo não correspondem apenas à reprodução dos relatos evangélicos, mas resultam de processos de mediação narrativa e cultural que moldam a compreensão do sagrado.¹⁸

Conforme afirma Clifford Geertz, a religião pode ser compreendida como um sistema simbólico responsável por produzir sentidos, organizar experiências humanas e estabelecer visões de mundo compartilhadas socialmente.¹⁹ A partir dessa perspectiva, os filmes de Cristo tornam-se importantes instrumentos culturais de reelaboração do imaginário religioso, na medida em que traduzem a experiência do sagrado para as linguagens visuais e narrativas do cinema. Dessa forma, o audiovisual não apenas reproduz conteúdos bíblicos, mas participa diretamente da construção de significados religiosos contemporâneos.

Essa compreensão é reforçada por Dario Edoardo Viganò, ao afirmar que o cinema cristológico opera como uma forma de tradução imagética da experiência religiosa, produzindo múltiplas representações de Jesus a partir das estruturas culturais de cada

¹⁷ CARROLL, Noël. **A filosofia do horror**. São Paulo: Papirus, 1999. p. 26-27.

¹⁸ VADICO, Luiz. **O campo do filme religioso: cinema, religião e sociedade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 132.

¹⁹ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 67-68.

época.²⁰ Segundo o autor, as chamadas *figurae Christi* no cinema revelam menos uma tentativa de fidelidade absoluta ao texto bíblico e mais uma reconstrução simbólica condicionada pelas sensibilidades históricas, pelas linguagens audiovisuais e pelas demandas antropológicas da sociedade moderna. Assim, cada filme constrói uma cristologia cinematográfica própria, marcada por diferentes interpretações da figura de Cristo.

No filme *Il Vangelo Secondo Matteo*,²¹ dirigido por Pier Paolo Pasolini, observa-se uma construção da figura de Cristo marcada por austeridade estética e forte proximidade com o texto bíblico. A linguagem cinematográfica empregada privilegia a simplicidade, com uso de locações naturais, iluminação pouco elaborada e enquadramentos que reforçam a dimensão discursiva da narrativa. Essa opção estética contribui para uma representação de Cristo que enfatiza sua autoridade profética e sua dimensão histórica, evitando a espetacularização do sagrado. Nesse contexto, a manifestação do sagrado aproxima-se do conceito de hierofania,²² não como evento visual grandioso, mas como presença que se revela na palavra e na ação. Douglas Esteves Moutinho afirma que o diretor italiano buscou aproximar-se do “Jesus evangélico”, reduzindo elementos espetaculares e concentrando sua narrativa na força ética e discursiva da palavra de Cristo.²³

Nesse sentido, o Cristo de Pasolini afasta-se da grandiosidade transcendental e aproxima-se de uma figura ética, humana e socialmente engajada. Conforme afirma Paul Tillich, a religião manifesta-se por meio das formas culturais e das experiências concretas da existência humana.²⁴ Assim, o Jesus pasoliniano revela-se profundamente conectado às inquietações políticas, sociais e antropológicas do século XX, transformando-se numa figura simbólica capaz de dialogar com os conflitos históricos da modernidade.

Em contraste, *The Greatest Story Ever Told*,²⁵ dirigido por George Stevens, apresenta uma abordagem alinhada ao cinema épico clássico, caracterizada pela grandiosidade visual e pela construção de uma imagem de Cristo fortemente associada à transcendência. A utilização de planos abertos, cenários amplos e trilha sonora solene

²⁰ VIGANÒ, Dario Edoardo. **As faces de Jesus no cinema: histórias da história de Jesus, história das histórias de Jesus, contemporâneas figurae Christi**. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 185-199, jul./dez. 2011. p. 186-192.

²¹ **IL VANGELO SECONDO MATTEO**. Direção: Pier Paolo Pasolini. Itália: Arco Film, 1964.

²² ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 17.

²³ MOUTINHO, Douglas Esteves. **Jesus Cristo e o cinema**. São Paulo: Benedictus, 2021. p. 77.

²⁴ TILlich, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 83-84.

²⁵ **THE GREATEST STORY EVER TOLD**. Direção: George Stevens. Estados Unidos: United Artists, 1965.

contribui para uma experiência estética que reforça a distância entre o divino e o humano. Conforme Martin, a linguagem cinematográfica produz significados não apenas pelo conteúdo narrado, mas também pela organização dos elementos visuais e sonoros que compõem a imagem fílmica.²⁶ Nesse caso, a representação aproxima-se do conceito de numinoso proposto por Otto,²⁷ na medida em que desperta no espectador sentimentos de reverência, admiração e contemplação. Tal construção reflete uma visão mais tradicional e institucional da figura de Cristo, na qual sua dimensão divina é enfatizada em detrimento de aspectos mais humanizados.

Segundo Vadico, os grandes épicos religiosos produzidos entre as décadas de 1950 e 1960 procuravam legitimar cinematograficamente a experiência religiosa por meio da monumentalização visual do sagrado.²⁸ Nesse modelo, Cristo aparece como figura universal, majestática e espiritualmente elevada, aproximando-se do imaginário protestante norte-americano do pós-guerra, no qual Jesus assume frequentemente o papel de pastor moral e guia espiritual da humanidade. A obra de Stevens, portanto, reflete uma cristologia marcada pela transcendência, pela solenidade e pela contemplação.

Já nas produções *Jesus Christ Superstar*,²⁹ de Norman Jewison, e *Godspell*,³⁰ de David Greene, observa-se uma ruptura significativa com os modelos tradicionais de representação. Inseridos no contexto da contracultura da década de 1970, esses filmes apresentam uma releitura da figura de Cristo a partir de uma linguagem simbólica e performática, na qual a música desempenha papel central na construção de sentido. A narrativa, nesses casos, não busca fidelidade histórica, mas sim uma aproximação com as sensibilidades culturais da época, deslocando o sagrado para uma dimensão mais subjetiva e emocional.

A figura de Cristo nesses filmes é apresentada de forma mais acessível e humanizada, sendo inserida em contextos contemporâneos que dialogam diretamente com o espectador. Tal construção pode ser compreendida à luz da perspectiva de Geertz,³¹ ao considerar a cultura como um sistema de significados compartilhados. Dessa forma, o cinema opera como mediador simbólico, reinterpretando o sagrado de acordo com os códigos culturais vigentes. Javier Celedón afirma que o cinema moderno contribuiu

²⁶ MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 24-25.

²⁷ OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 44-45.

²⁸ VADICO, Luiz. **O campo do filme religioso: cinema, religião e sociedade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 104-105.

²⁹ **JESUS CHRIST SUPERSTAR**. Direção: Norman Jewison. Estados Unidos: Universal Pictures, 1973.

³⁰ **GODSPELL**. Direção: David Greene. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1973.

³¹ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 67-68.

significativamente para a construção do chamado “Jesus de Hollywood”, isto é, uma imagem culturalmente reinterpretada de Cristo moldada pela lógica da cultura de massa e pelas linguagens audiovisuais contemporâneas.³² Conforme Vadico,³³ tal dinâmica evidencia que o cinema não apenas representa o religioso, mas participa ativamente de sua construção, produzindo novas formas de compreensão da figura de Cristo. Essa perspectiva é reforçada pelo próprio Vadico ao afirmar que os filmes sobre Cristo constituem um espaço de encontro entre diferentes interesses — religiosos, culturais, econômicos e artísticos —, fazendo com que a imagem de Jesus seja continuamente reinterpretada ao longo da história do cinema.³⁴

No filme *The Last Temptation of Christ*,³⁵ dirigido por Martin Scorsese, a representação de Cristo assume uma dimensão ainda mais subjetiva, marcada pela ênfase em seus conflitos internos e em sua humanidade. Diferentemente das abordagens tradicionais, a obra apresenta um Cristo em constante tensão entre sua natureza divina e sua experiência humana, explorando dúvidas, medos e desejos. Essa construção aproxima-se de uma leitura existencial do sagrado, na qual a experiência religiosa é interiorizada. Conforme Aumont, a relação entre imagem e espectador envolve processos de identificação, projeção e construção subjetiva de sentidos, fazendo com que a experiência cinematográfica ultrapasse a mera observação objetiva dos acontecimentos representados.³⁶ Em *The Last Temptation of Christ*, a espiritualidade deixa de ser apresentada exclusivamente como dogma transcendental e passa a ser representada como experiência interior marcada pela dúvida, pelo sofrimento e pela busca de sentido.

Nesse sentido, a hierofania deixa de ser um evento externo e passa a manifestar-se no âmbito da consciência do personagem, reforçando a ideia de que o cinema reinterpreta o sagrado a partir de novas perspectivas culturais.³⁷ Tal abordagem dialoga com a concepção de Tillich,³⁸ ao compreender a religião como dimensão que se manifesta nas formas culturais e nas experiências humanas.

³² CELEDÓN, Javier. **Teologia e cinema**. *Revista Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 95-103, 2012. p. 97-98.

³³ VADICO, Luiz. **O campo do filme religioso: cinema, religião e sociedade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 101.

³⁴ VADICO, Luiz. **Cinema e Religião: perguntas & respostas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 10.

³⁵ **THE LAST TEMPTATION OF CHRIST**. Direção: Martin Scorsese. Estados Unidos: Universal Pictures, 1988.

³⁶ AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993. p. 121-123.

³⁷ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 17-18.

³⁸ TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 83.

Por sua vez, *The Passion of the Christ*,³⁹ dirigido por Mel Gibson, apresenta uma abordagem centrada no sofrimento físico de Cristo, enfatizando sua dimensão sacrificial. A linguagem cinematográfica intensifica essa experiência por meio do uso de closes, trilha sonora dramática e detalhamento das cenas de violência, produzindo forte impacto emocional no espectador. Douglas Esteves Moutinho afirma que o diretor desloca o foco narrativo para o corpo violentado de Cristo, produzindo uma estética marcada pela intensidade sensorial e pelo impacto emocional.⁴⁰

O sagrado é apresentado por meio de uma experiência marcada pelo sofrimento e pela ruptura da normalidade cotidiana, aproximando-se da dimensão do numinoso descrita por Otto,⁴¹ não apenas como fascínio, mas também como experiência perturbadora e intensa. Essa construção evidencia como o cinema pode selecionar e enfatizar determinados aspectos da tradição cristã, produzindo uma leitura específica da figura de Cristo.

A partir da análise dessas obras, torna-se evidente que a representação cinematográfica de Jesus Cristo não se configura como uma reprodução fiel da tradição bíblica, mas como uma construção simbólica dinâmica, resultante da interação entre linguagem cinematográfica, contexto cultural e escolhas estéticas dos diretores. Tal constatação reforça a perspectiva de Tillich,⁴² segundo a qual a religião se manifesta por meio das formas culturais, e de Geertz,⁴³ que compreende a religião como sistema simbólico.

Dessa forma, o cinema não apenas representa o sagrado, mas participa ativamente de sua construção, influenciando a maneira como a figura de Cristo é percebida e interpretada na contemporaneidade. Tal compreensão reforça a ideia de que o cinema religioso constitui um campo no qual diferentes discursos sobre o sagrado são produzidos e disputados, evidenciando que a imagem de Cristo no cinema é, antes de tudo, uma construção cultural, histórica e simbólica.⁴⁴

³⁹ **THE PASSION OF THE CHRIST**. Direção: Mel Gibson. Estados Unidos: Icon Productions, 2004.

⁴⁰ MOUTINHO, Douglas Esteves. **Jesus Cristo e o cinema**. São Paulo: Benedictus, 2021. p. 90.

⁴¹ OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 39-41.

⁴² TILlich, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 83.

⁴³ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 67-69.

⁴⁴ VADICO, Luiz. **O campo do filme religioso: cinema, religião e sociedade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 100-105.

CONCLUSÃO

A análise das obras cinematográficas selecionadas permitiu compreender que a figura de Jesus Cristo no cinema não se apresenta como representação fixa, homogênea ou puramente teológica, mas como uma construção simbólica profundamente influenciada pelos contextos históricos, culturais e antropológicos de cada período. Nesse sentido, o cinema religioso revelou-se não apenas como espaço de adaptação dos relatos bíblicos, mas como importante meio de reelaboração cultural do imaginário cristológico contemporâneo.

Ao longo da pesquisa, observou-se que cada filme analisado constrói uma cristologia específica. Em *The Greatest Story Ever Told*, prevalece um Cristo transcendental e contemplativo, associado à monumentalidade do épico religioso clássico. Em *Il Vangelo Secondo Matteo*, Pasolini aproxima Jesus das tensões sociais e humanas da modernidade, enfatizando sua dimensão ética e profética. Já *Jesus Christ Superstar* e *Godspell* reinterpretam Cristo a partir das sensibilidades da contracultura dos anos 1970, aproximando-o da subjetividade juvenil, da linguagem musical e das transformações culturais da época.

Por sua vez, *The Last Temptation of Christ* desloca o sagrado para o interior da experiência existencial humana, apresentando um Cristo marcado pela dúvida, pela angústia e pelos conflitos subjetivos. Em contraste, *The Passion of the Christ* enfatiza a dimensão sacrificial e corporal da Paixão, utilizando a violência estética como mecanismo de sensibilização espiritual e emocional do espectador.

A pesquisa também evidenciou que o cinema atua como importante mediador cultural do sagrado, produzindo sentidos religiosos através da linguagem audiovisual. Conforme discutido ao longo do trabalho, as representações cinematográficas de Jesus refletem menos uma tentativa de fidelidade absoluta aos Evangelhos e mais uma reconstrução simbólica condicionada pelas demandas culturais, estéticas e existenciais da sociedade moderna.

Dessa forma, conclui-se que o cinema religioso participa ativamente da construção contemporânea da imagem de Cristo, influenciando não apenas a percepção estética do sagrado, mas também as formas pelas quais a religiosidade é compreendida e experienciada no mundo contemporâneo. Assim, o estudo das cristologias cinematográficas revela-se relevante não apenas para os estudos religiosos, mas também para os campos da cultura, da antropologia e da linguagem audiovisual.

REFERÊNCIAS:

ANJOS, Márcio Fabri dos (Coord.). **Teologia da inculturação e inculturação da teologia**. Petrópolis: Vozes; SOTER, 1995.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

CARROLL, Noël. **A filosofia do horror**. São Paulo: Papirus, 1999.

CELEDÓN, Javier. **Teologia e cinema**. Revista Pistis & Praxis, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 95-103, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GODSPELL. Direção: David Greene. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1973. 1 arquivo de vídeo (100 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9CqysW8V9qw>>. Acesso em: 25 mai. 2026.

GÓES, Laércio Torres de. **O mito cristão no cinema: o verbo se fez luz e se projetou entre nós**. Salvador: EDUFBA, 2010.

IL VANGELO SECONDO MATTEO. Direção: Pier Paolo Pasolini. Itália: Arco Film, 1964. 1 arquivo de vídeo (137 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GUTlAkkCv6Y>>. Acesso em: 5 mai. 2026.

JESUS CHRIST SUPERSTAR. Direção: Norman Jewison. Estados Unidos: Universal Pictures, 1973. 1 arquivo de vídeo (106 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5KmoTI34Lyo>>. Acesso em: 6 mai. 2026.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MOUTINHO, Douglas Esteves. **Jesus Cristo e o cinema**. São Paulo: Benedictus, 2021.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2007.

THE GREATEST STORY EVER TOLD. Direção: George Stevens. Estados Unidos: United Artists, 1965. 1 arquivo de vídeo (174 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uzhODJoIOgU>>. Acesso em: 8 mai. 2026.

THE LAST TEMPTATION OF CHRIST. Direção: Martin Scorsese. Estados Unidos: Universal Pictures, 1988. 1 arquivo de vídeo (164 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0WhENwMt-LY>>. Acesso em: 10 mai. 2026.

THE PASSION OF THE CHRIST. Direção: Mel Gibson. Estados Unidos: Icon Productions, 2004. 1 arquivo de vídeo (126 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xBxciKn49Kg>>. Acesso em: 12 mai. 2026.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

VADICO, Luiz. **O campo do filme religioso: cinema, religião e sociedade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

VADICO, Luiz. **Cinema e religião: perguntas & respostas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

VIGANÒ, Dario Edoardo. **As faces de Jesus no cinema: histórias da história de Jesus, história das histórias de Jesus, contemporâneas *figurae Christi***. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 185-199, jul./dez. 2011.